

da autora da série
manual de assassinato para boas garotas

OS CINCO
SOBREVIVENTES



HOLLY
JACKSON

OS CINCO SOBREVIVENTES

HOLLY JACKSON

Tradução de Karoline Melo



Copyright do texto © 2022 by Holly Jackson
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no
todo ou em partes, em quaisquer meios.
Publicado mediante acordo com Random House Children's
Books, divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL
Five Survive

PREPARAÇÃO
Ulisses Teixeira

REVISÃO
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

MAPAS
© 2022 by Mike Hall

ADAPTAÇÃO DE IMAGEM DA P. 9
Henrique Diniz

ARTE DE CAPA
© 2022 by Christine Blackburne

DESIGN DE CAPA
Casey Moses

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15c

Jackson, Holly, 1992-

Os cinco sobreviventes / Holly Jackson ; tradução Karoline
Melo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
448 p. ; 21 cm.

Tradução de: Five survive
ISBN 978-65-5560-695-9

1. Ficção inglesa. I. Melo, Karoline. II. Título.

23-83997

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

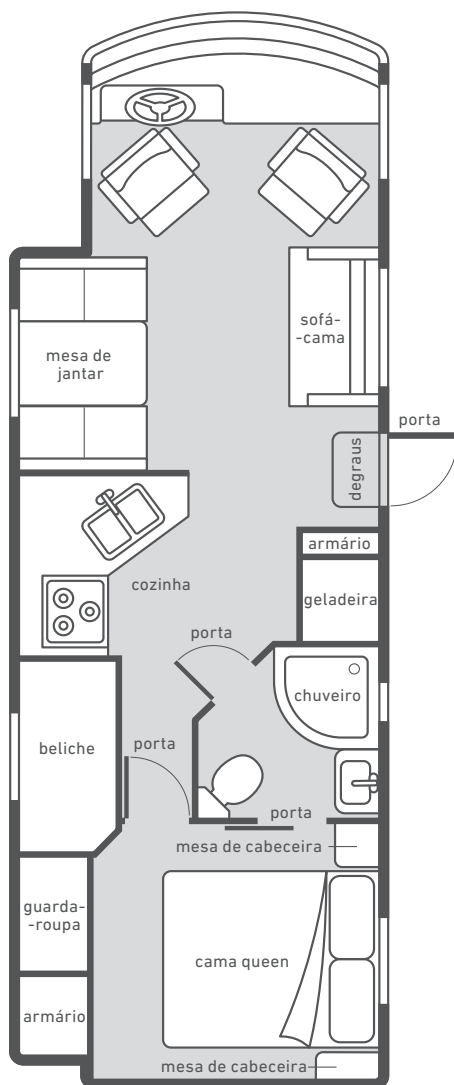


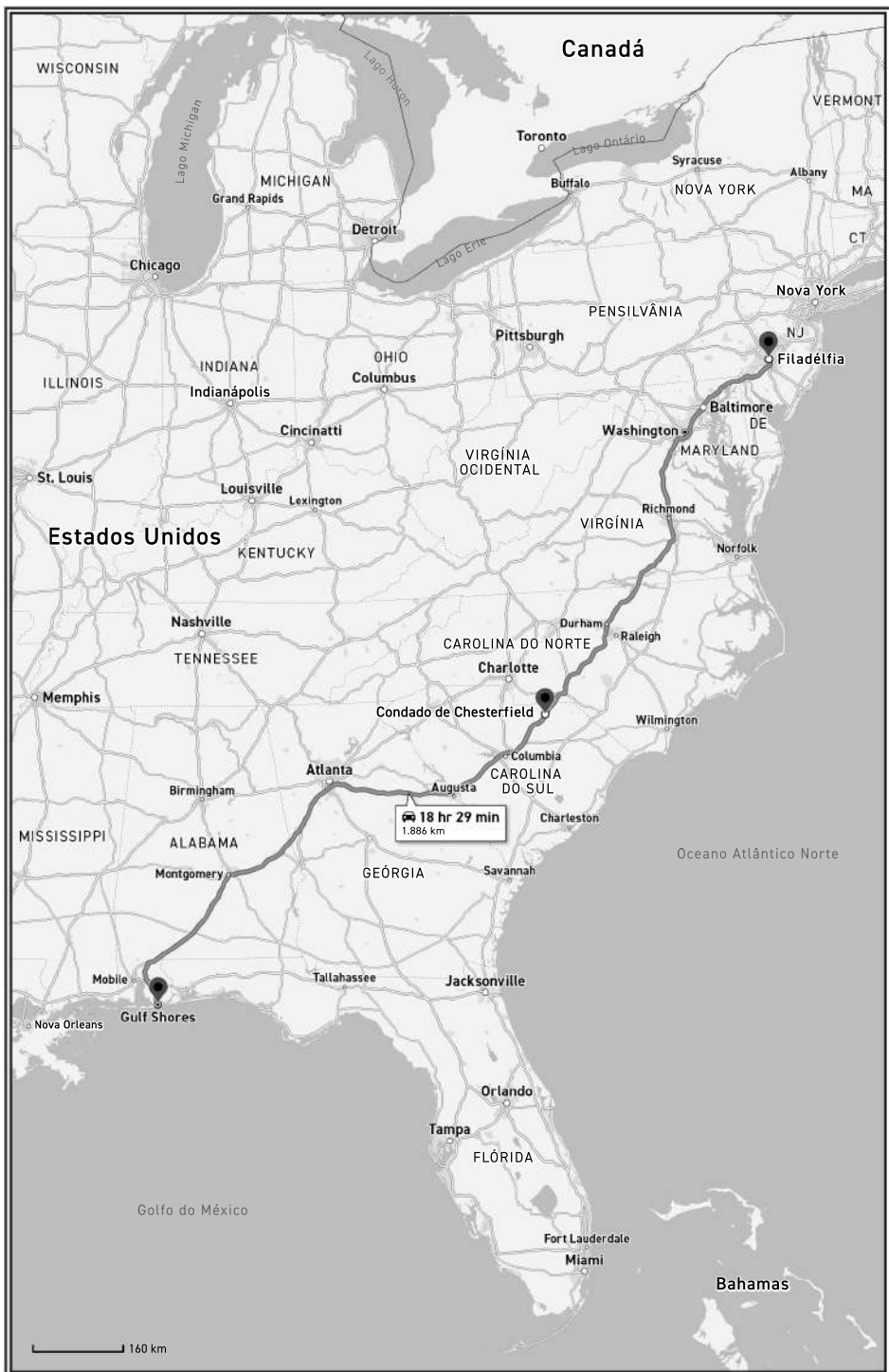
Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Harry Collis, que, aos cem anos, é provavelmente
o leitor de livros YA mais velho do mundo...*

PLANTA DO TRAILER GETAWAY VISTA 31B 2017





22:00



Perto e distante. Vermelho e preto. Em um momento estava lá, no outro não. O rosto dela no vidro, desaparecendo na luz dos faróis que se aproximavam, reaparecendo na escuridão do lado de fora. Sumindo de novo. A janela roubou o rosto da garota. Ótimo, que ficasse com ele. Mas então o devolveu: também não o queria.

O reflexo de Red a encarava, mas o vidro e a escuridão não copiavam seus traços perfeitamente, borrando os detalhes. Apesar disso, viu suas principais características: o brilho pálido demais da pele e os grandes olhos azul-escuros que não eram só seus. *Vocês se parecem tanto*, costumavam dizer a ela, mais vezes do que Red gostaria. Agora, não gostava nem um pouco de ouvir aquilo, nem sequer de pensar no assunto. Portanto, desviou o olhar de seu rosto, do rosto delas, ignorando os dois. No entanto, era mais difícil ignorar algo quando se tentava fazer exatamente isso.

Red olhou para outra direção, encarando de cima os automóveis na pista lateral. Havia algo de errado; os carros pareciam pequenos demais da janela, mas ela não se sentia nem um pouco maior. Observou um sedã azul acelerando e o ajudou com os olhos, empurrando-o para a frente. Pronto, cara. O sedã

ultrapassou a caixa de metal de dez metros e vinte centímetros de comprimento que descia pela autoestrada. O que era estranho quando se parava para pensar, descer uma “altoestrada”.

— Red? — A voz à frente interrompeu seus pensamentos. Maddy a observava sob a fraca iluminação interna, a pele franzida ao redor dos olhos castanho-claros. Ela deu um pequeno pontapé por baixo da mesa, acertando a canela da amiga. — Esqueceu que estamos no meio de um jogo?

— Não — respondeu Red, mas, sim, havia esquecido.

O que estavam jogando mesmo?

— Vinte Perguntas — disse Maddy, lendo a mente de Red.

Bem, elas se conheciam desde sempre; Red só tivera sete meses de vantagem, e não fizera muita coisa com aquele tempo. Talvez Maddy tivesse aprendido a ler sua mente durante todos aqueles mais de dezessete anos. Red torcia muito para que não fosse o caso. Havia coisas em sua mente que ninguém jamais poderia ver. Ninguém. Nem mesmo Maddy. Muito menos Maddy.

— É, eu sei — disse Red, os olhos vagando para o lado oposto do trailer, para a porta externa e o sofá-cama, fechado na posição de sofá, onde ela e Maddy dormiriam aquela noite.

Red não conseguia lembrar; de que lado da cama Maddy gostava mesmo? Porque ela própria não conseguia dormir se não estivesse do lado esquerdo. Enquanto Red tentava ler a mente da amiga, seus olhos se fixaram em uma placa verde do lado de fora, passando por cima do para-brisa.

— A placa diz Rockingham. A gente vai sair da estrada logo, não é? — perguntou ela, mas não alto o suficiente para alguém na parte da frente do trailer ouvir, o que teria sido mais útil.

De qualquer forma, Red provavelmente estava errada, então era melhor não falar nada. Estavam naquela estrada havia uma

hora: a I73, que havia se tornado a I74 e, em seguida, a US 220 sem muito alarde.

— Red Kenny, foco. — Maddy estalou os dedos, com o esboço de um sorriso no rosto.

Apesar disso, o rosto de Maddy nunca enrugava, nem mesmo com o maior dos sorrisos. A pele era como chantili, macia e mais clara do que deveria ser possível. Isso fazia com que as sardas no rosto de Red se destacassem ainda mais nas fotos que tiravam juntas. Elas tinham quase a mesma altura, até o mais alto dos fios de cabelo, embora os de Red fossem loiro-escuros, enquanto os de Maddy eram de um castanho-claro, com um ou dois tons de diferença. Red sempre usava o cabelo preso, deixando na frente a franja que ela mesma cortava com a tesoura da cozinha. Já Maddy vivia com o cabelo solto e arrumado, as pontas macias de uma forma que as de Red nunca ficavam.

— Eu estou fazendo as perguntas, você pensou na pessoa, no lugar ou na coisa — explicou Maddy.

Red assentiu devagar. Bem, mesmo que Maddy também gostasse de dormir do lado esquerdo, pelo menos não ficariam nos beliches.

— Já fiz sete perguntas.

— Ótimo.

Red não conseguia se lembrar da pessoa, do lugar ou da coisa que havia escolhido. Mas, falando sério, elas passaram o dia todo na estrada, tinham saído de casa havia cerca de doze horas, já não tinham jogado o suficiente? Red mal podia esperar para aquilo terminar e ela enfim poder dormir, fosse do lado esquerdo ou do direito. Só queria que acabasse logo. Deveriam chegar em Gulf Shores àquela hora no dia seguinte e se encontrar com o restante de seus amigos. Esse era o plano, afinal.

Maddy pigarreou.

— E que respostas eu dei mesmo? — perguntou Red.

Maddy expirou, mas era difícil saber se foi um quase suspiro ou uma quase risada.

— É uma pessoa, uma mulher que existe na vida real — disse ela, contando nos dedos. — Alguém que eu conheço, mas não a Kim Kardashian ou você.

Red olhou para cima, procurando pela memória nos cantos remotos da sua mente.

— Não lembro, desculpa.

— Tudo bem, a gente começa do zero — falou Maddy.

Porém, naquele momento, Simon saiu cambaleando do pequeno banheiro, salvando Red de mais Diversão Organizada™.

A porta bateu nele quando o trailer acelerou.

— Simon Yoo, você ficou aí dentro esse tempo todo? — perguntou Maddy, enojada. — A gente jogou duas rodadas inteiras.

Simon jogou os cabelos pretos e levemente ondulados para trás e levou um dedo instável aos lábios, dizendo:

— Shh, uma dama nunca revela os seus segredos.

— Então fecha a porta, caramba.

Ele o fez, mas com o pé, para provar algum ponto, quase se desequilibrando enquanto o trailer disparava pela rodovia, trocando de faixa ao ultrapassar alguém. Teriam que pegar a saída em breve, não é? Talvez Red devesse dizer algo, mas observou Simon avançando, apoiando-se no pequeno balcão da cozinha atrás dela. Em um movimento desajeitado, ele deslizou no banco ao seu lado, batendo o joelho na mesa.

Red o analisou: as pupilas estavam muito grandes nos olhos escuros e redondos, e havia uma mancha de líquido incriminadora na frente da camisa azul-petróleo dos Eagles.

— Você já está bêbado — observou Red, quase impressionada. — Achei que só tinha tomado, tipo, três cervejas.

Simon se aproximou para sussurrar no seu ouvido, e Red conseguiu sentir o forte cheiro metálico no hálito dele. Não dava para passar batido; era assim que a garota sabia quando o pai mentia para ela: *Não, juro que não bebi hoje, Red.*

— Shh — disse Simon —, o Oliver trouxe tequila.

— E você já bebeu? — perguntou Maddy a ele, ao ouvir a conversa.

Em resposta, Simon cerrou os dois punhos e os ergueu no ar, gritando:

— Férias, bebê!

Red riu. E, de qualquer forma, se ela simplesmente pedisse, talvez Maddy não se importasse de dormir do lado direito aquela noite, ou pelo resto da semana. Ela podia pedir, simples assim.

— Oliver não gosta que peguem as coisas dele — sussurrou Maddy, olhando por cima do ombro para o irmão, sentado a apenas alguns metros de distância, no banco do passageiro lá na frente, mexendo no rádio enquanto conversava com Reyna, que dirigia.

Arthur estava parado logo atrás de Oliver e Reyna, lançando um sorriso para Red sem mostrar os dentes ou encontrar os olhos dela. Ou talvez estivesse sorrindo para Simon.

— Ei, o trailer é meu, tenho direito a tudo que está nele — retrucou Simon, soluçando.

— O trailer é do seu tio. — Maddy sentiu a necessidade de corrigi-lo.

— Você não deveria revezar no volante hoje também? — perguntou Red para Simon.

O plano era dividir a quantidade de horas de direção igualmente entre os seis. Ela tinha dirigido nas primeiras duas horas

para acabar logo com aquilo, levando o trailer da Filadélfia à I95 até pararem para almoçar. Arthur ficou sentado ao seu lado o tempo todo, guiando-a com calma, como se soubesse quando Red estava se dispersando ou prestando atenção, ou quando estava com medo do tamanho do veículo e de como tudo parecia pequeno lá de cima. Havia leitores de mente em todo lugar, aparentemente. Mas ela só conhecia Arthur há seis ou sete meses; não era justo.

— Troquei com Reyna — disse Simon — por causa das cervejas que já bebi.

Ele abriu um sorriso perverso. Simon sempre conseguia se livrar de qualquer coisa; ele era muito engraçado, nunca falhava em dar um jeitinho. Era impossível ficar com raiva dele. Bem, Maddy conseguia, se estivesse focada.

— Aliás, ela é bem legal — sussurrou Simon para Maddy, como se a garota fosse responsável pelo fato de a namorada do seu irmão ser divertida.

Mas Maddy sorriu e aceitou o elogio, lançando um olhar para o casal: uma imagem perfeita, mesmo com os dois de costas.

Uma pausa na conversa; agora era hora de Red perguntar, antes que esquecesse.

— Ei, Maddy, sobre o sofá-cama...

— Droga! — gritou Oliver lá da frente, um som feio. — Nossa saída é bem aqui. Vira, Reyna. Agora! AGORA!

— Não dá — disse ela, afobada, dando uma olhada nos retrovisores e ligando a seta.

— Vão dar passagem, o trailer é maior, só entra — falou Oliver, estendendo a mão como se fosse agarrar o volante.

Um som estridente veio não do trailer, mas de Reyna, ao jogar o veículo pesado para a outra pista. Um Chevrolet raivoso buzinou, e o motorista mostrou o dedo do meio pela janela.

Red fingiu pegá-lo e colocá-lo no bolso do peito da camisa xadrez azul e amarela, guardando-o com carinho para sempre.

— Vai, vai, vai! — berrou Oliver, e Reyna desviou para a direita novamente, entrando na saída a tempo.

Outra buzina, dessa vez de um Tesla furioso que ficou para trás na autoestrada.

— Poderíamos ter pegado a próxima saída e dado um jeito. É para isso que serve o Google Maps — disse Reyna, desacelerando, a voz estranha e contida, como se estivesse abrindo caminho por dentes cerrados.

Red nunca havia visto Reyna nervosa ou brava, só com um sorriso que se abria um pouco mais sempre que seus olhos encontravam os de Oliver. Como era aquilo, se apaixonar por alguém? Ela não conseguia imaginar; por isso os observava às vezes, para aprender com o exemplo. Mas Red devia ter dito algo sobre a saída mais cedo, não é? Por pouco, não tinham passado o dia todo sem levantar a voz. Era culpa dela.

— Desculpa — disse Oliver, colocando o cabelo preto e grosso de Reyna atrás da orelha para que pudesse apertar o ombro da namorada. — Só quero chegar ao acampamento o quanto antes. Todo mundo está cansado.

Red desviou o olhar, deixando-os a sós. Bem, tão a sós quanto era possível em um trailer de dez metros e vinte centímetros com seis pessoas dentro. Aparentemente, aqueles vinte centímetros eram tão importantes que não podiam ser arredondados.

O mundo do lado de fora do trailer estava escuro outra vez. Árvores margeavam a estrada, mas Red mal conseguia vê-las, não enxergava nada além do próprio reflexo e do outro rosto escondido dentro dele. A garota teve que desviar o olhar, antes que pensasse muito a respeito. Não aqui, não agora.

O caminhão na frente do trailer diminuiu a velocidade ao passar por uma placa indicando um limite de sessenta quilômetros por hora, as luzes de freio manchando a rodovia de vermelho. A cor que acompanhava Red aonde quer que ela fosse e que nunca significava algo bom. Mas a estrada seguia em frente, assim como eles.

Ah, espera, o que ela precisava perguntar para Maddy mesmo?

Red Kenny e seus cinco melhores amigos decidiram alugar um trailer e pegar a estrada rumo a uma viagem inesquecível na praia para comemorar o fim do ensino médio. Enquanto a maioria dos adolescentes está pensando na faculdade, Red tem outras preocupações: órfã de mãe e com o pai alcoólatra, ela precisa dar um jeito em sua vida. Mas ninguém imaginou que o grupo jamais chegaria ao destino desejado.

De repente, no meio da noite, todos os pneus furam ao mesmo tempo e o veículo fica sem gasolina. Presos no meio do nada e sem sinal de celular, não há como pedir ajuda. Quando tiros começam a atingir o trailer, fica claro que foi tudo planejado. Os seis estão encurralados por uma pessoa armada disposta a matá-los, a menos que deem o que ela quer: um segredo.

Restam oito horas até o amanhecer. Para salvar a si mesmos, os amigos precisam descobrir quem é o alvo do atirador escondido na escuridão e por quê. Aos poucos, verdades inconfessáveis e turbulentas começam a vir à tona... mas alguém está mentindo. E isso vai custar a vida de um deles.

Com uma narrativa ágil e assustadora, *Os cinco sobreviventes* traz uma trama cheia de revelações, na qual nada é o que parece. O primeiro thriller de Holly Jackson fora do universo da série best-seller *Manual de assassinato para boas garotas* promete deixar os fãs tensos e sem fôlego até a última página.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/os-cinco-sobreviventes/>